

COLEÇÃO
CADERNOS
DO POVO

NOSSOS
SONHOS
CABEM NA
POLÍTICA?

Chico Alencar



FUNDAÇÃO
**LAURO CAMPOS E
MARIELLE FRANCO**



A crise da velha ordem política está adotando múltiplas formas. A subversão das instituições democráticas por caudilhos narcisistas, que se apossam das molas do poder a partir da repugnância das pessoas com a podridão institucional e a injustiça social; a manipulação midiática das esperanças frustradas por encantadores de serpentes; a renovação aparente e transitória da representação política através da cooptação dos projetos de mudança; a consolidação de máfias no poder e de teocracias fundamentalistas; a pura e simples volta à brutalidade irrestrita do Estado em boa parte do mundo. (...) A experiência histórica mostra que, do fundo da opressão e do desespero, surgem, sempre, movimentos sociais de diferentes formas que mudam as mentes e, através delas, as instituições. (...) Daí a esperança, abrigada por milhões, de uma nova política. Contudo, quais são as formas possíveis dessa nova política?

(Manuel Castells, *RUPTURA - A crise da democracia liberal*, Zahar, RJ, 2018)



FUNDAÇÃO
**LAURO CAMPOS E
MARIELLE FRANCO**

COLEÇÃO **CADERNOS DO POVO**

NOSSOS **SONHOS**

CABEM NA **POLÍTICA?**

Chico Alencar

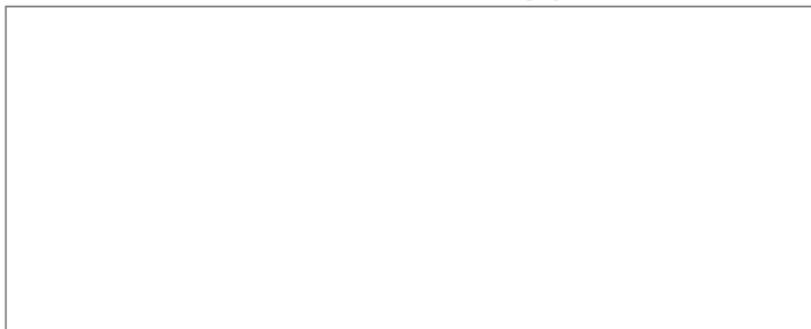


Editora Lince
Campinas - 2019



FUNDAÇÃO
**LAURO CAMPOS E
MARIELLE FRANCO**

Dados Internacionais de Catalogação (CIP)



Autor: Chico Alencar
(professor, escritor e parlamentar por vários mandatos)

Revisão: Maritza Waleska Arruda

Capa: Rafael Camilo

Projeto Gráfico: Alternativa Mídia e Gestão

Produção: Fundação Lauro Campos e Marielle Franco



2019 | Reprodução permitida por
qualquer meio, desde que citada a fonte.

Fundação Lauro Campos Marielle Franco

fundacao@laurocampos.org.br

Al. Barão de Limeira, nº 1400 - C. Eliseos

CEP 01202-002 - São Paulo – SP

+55 11 2985 6173 / 2985 5876

Esse livro está disponível no site da FLCMF (laurocamposemariellefranco.org.br)

APRESENTAÇÃO	6
JOSÉ COMO ELE É	8
MARIA COMO TODA MARIA	13
ISSO É CONOSCO	18
CIDADANIA ATIVA	23
O LUGAR DO PARTIDO	28
PARTIDO VIVO	32
O DERRETIMENTO PARTIDÁRIO	36
MANDAMENTOS PARA A AUTORIDADE PÚBLICA	40
O VOTO COMO ESCOLHA E ABRAÇO	45
CONTRANARCISO	52

Este livreto faz parte da coleção Cadernos do Povo que, a Fundação Lauro Campos/Marielle Franco, do Partido Socialismo e Liberdade, tem a honra de produzir e editar.

O título da coleção faz referência a outra, publicada entre 1962 e 1964, “Cadernos do Povo Brasileiro”, durante o governo do presidente João Goulart. Naquele Brasil ávido por mudanças, por reformas estruturais, de base, a educação popular tinha enorme importância. A iniciativa foi dos editores Ênio Silveira (1925-1996) e Álvaro Vieira Pinto (1909-1987), por meio de uma parceria entre a Editora Civilização Brasileira, o Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB) e o Centro Popular de Cultura da União Nacional dos Estudantes (CPC da UNE).

A formação política é uma das principais missões das Fundações Partidárias. Para a Lauro Campos/Marielle Franco é urgente e decisivo chegar à base da sociedade, a quem é negado o acesso à informação democrática, para nos constituirmos, de fato, como uma República digna desse nome.

O escritor Lima Barreto (1881–1922) disse que “*o Brasil não tem povo, tem público*”. Povo, aqui, significa consciência política, organização, vontade coletiva de mudar uma situação social que não garante vida decente às

JOSÉ COMO ELE É

José é uma pessoa comum: trabalha muito e ganha pouco. Gosta de música, de futebol, de papo com os amigos. E de política também. No boteco, sábado à tarde, os colegas o interpelam:

- Não entendo como você gosta tanto de política, Zé. Com essa podridão, essa roubalheira... – sempre escuta.

- O problema é que quanto mais a gente se distancia da política, mais a podridão vai crescer – reage José, com a fala na ponta da língua, vinda do coração e da razão. E prossegue:

- Nosso emprego ou a falta dele vem de decisões de política econômica. A iluminação ou o calçamento de nossa rua depende também da qualidade dos serviços públicos, e isso tem a ver com política. Até o preço do que consumimos aqui no bar, né, seu Manoel?

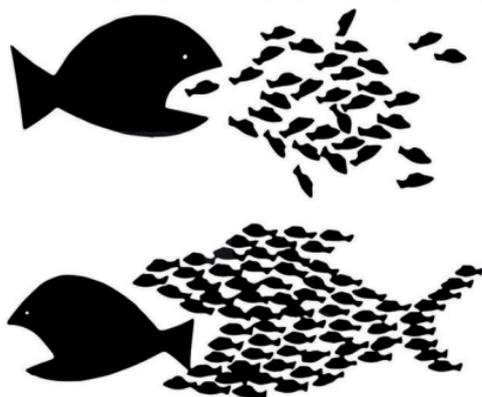
- Mas somos pequenininhos, Zé, não decidimos nada! – responde seu Manoel.

José reage:

- Você é que pensa, amigo. Aliás, tá pensando do jeito que os que mandam no mundo querem. O sonho dos políticos tradicionais é que a gente só cuide de nossa vidinha, de nossa sobrevivência pessoal. Querem que cada um fique na sua. No máximo, que a gente vote e depois... fique esperando que eles resolvam tudo.

- Mas a gente não manda em nada, não tem força pra resolver nada, Zé! – retrucou outro amigo, Tobias.

- Sozinhos, na base do cada um por si, não temos força



mesmo. Mas se uma rua se reúne pra debater o que precisa, e cobra coletivamente do governo, as coisas avançam. Que dirá um bairro, uma escola, uma fábrica... Que dirá um povo inteiro! – empolga-se José.

- Uhhmm, dá trabalho, Zé! A gente rala tanto que o tempo que sobra é pra descansar em casa ou vir aqui, rapidinho, tomar uma, levar esse papo – duvidou Tobias.

- Sim, nossa vida é dura. Mas sempre sobra algum tempo pra tocar as coisas de interesse mais geral. Para isso tem associação de moradores, sindicatos, grêmios estudantis, grupos que se reúnem para lutar por direitos. Para enfrentar a discriminação contra negros, mulheres, LGBTs. Para defender mais empregos, meio ambiente, educação e saúde públicas de qualidade, segurança.

- Além de termos também a obrigação de cobrar daqueles que elegemos, para os governos, como prefeito, gover-

nador, presidente. E para os legislativos, como vereador, deputado, senador – completou Tobias, já meio convencido.

- Tô fora! Eu votei, eles resolvem, tenho mais o que fazer. Os políticos estão lá ganhando muito bem para isso. Que nem a Maria, sua companheira... – brincou Margarida, que era sócia de Manoel no bar.

Ela dava uma “cutucada” em José pelo fato de Maria, mulher dele, ter sido eleita vereadora.

- Não, Margarida. Os que elegemos têm que ser pressionados para não ficarem prisioneiros dos mais poderosos. Estes, claro, só defendem políticas que lhes interessam, e não o bem comum. O grito das praças precisa ecoar nos palácios! – respondeu José. E, meio bravo, acrescentou:

- Só mais uma coisa: a Maria publica o que ganha e como gasta, todo mês. Com seu mandato está sempre junto dos movimentos do povo pobre, sem nunca deixar de pedir que eles cobrem, critiquem, apontem falhas e caminhos. É ou não é?

Todos concordaram.

Perguntas para sua reflexão

(a ser realizada, de preferência, em grupo)

- 1) Qual o grau de interesse na política das pessoas que você conhece? Por quais razões?
- 2) No seu convívio, em casa, na vizinhança, no trabalho, a maioria vota (ou nem isso) e depois esquece, deixa pra lá? Como seria possível reverter isso?
- 3) Você já teve experiências concretas de fazer um governo agir a partir da pressão popular?

MARIA COMO TODA MARIA

Maria é uma mulher de 35 anos, como tantas no planeta. Servidora pública, cuidava, junto a outras e outros, de vários jardins de sua cidade. Muito ativa, boa de conversa, com garra pra viver, foi uma das líderes de sua categoria para obter melhores condições de trabalho.

Casada com José, operário de fábrica, há oito anos concluíram que havia chegado o momento de ter uma criança. “Não é só ter” – dizia ela. “Tem que arcar e cuidar, a vida inteira!”.

Mas no ano passado Maria tinha feito uma outra escolha importante: filiou-se a um partido político, disputou eleição para vereadora e... venceu! Muito bem votada, ela causou estranheza quando deu a primeira entrevista como representante da população na Câmara Municipal de Rosalongá, sua cidade:

- Quando você entrou para a política, Maria?

- Quando nasci. Como todo mundo, entrei para política quando entrei na vida. Muitos não têm chance de perceber isso, de compreender que somos seres sociais. Mas somos sim seres de relações, da polis, que quer dizer cidade. Somos todos cidadãos e cidadãos, todos somos políticos. Dependemos dos outros para tudo, desde que nascemos. E todos dependem de nós também, sempre. Saber disso é o primeiro passo para ter consciência política.

- Mas queria saber quando você resolveu se candidatar, Maria...

- Aí já é outra coisa, outro passo. Repito que políticas



e políticos todos somos, sem exceção. Aliás, aprendi na escola que Aristóteles, que viveu entre 384 e 322 antes de Cristo, já dizia que “*o ser humano é um animal político*”. Lá na escola tinha um cartaz, no mural do pátio, cujo texto copiei e carrego na bolsa. Chama-se “O ANALFABETO POLÍTICO” e diz o seguinte:

O pior analfabeto é o analfabeto político. Ele não ouve, não fala, nem participa dos acontecimentos políticos. Ele não sabe que o custo de vida, o preço do feijão, do peixe, da farinha, do aluguel, do sapato e do remédio dependem das decisões políticas.

O analfabeto político se orgulha e estufa o peito dizendo que odeia a política. Não sabe que, da sua ignorância polí-

tica, nasce (...) o pior de todos os bandidos, que é o político vigarista, pilantra, corrupto e laçao das empresas nacionais e multinacionais.

(Adaptado de Bertolt Brecht, 1898-1956)

- Mas você não respondeu, Maria!

- Ah, é mesmo. Desculpe, é que me empolgo com isso de sermos todos políticos, ainda mais nesses tempos em que dizem tanto que política é uma atividade ruim, de espertos e pilantras, de negociatas. Não “resolvi” me candidatar: foi uma decisão coletiva, de um grupo de colegas de trabalho, da igreja que eu frequento, de vizinhos e vizinhas, de familiares, do José. Até amigas e amigos de infância eu procurei pra gente debater o assunto.

- E então?

- Eles entenderam que eu tinha “vocaçãõ”, jeito, para buscar essa representação. Agora, eleita, vou tentar exercê-la junto a quem me colocou aqui. Não basta representar, os que votaram têm que estar presentes, participar, interferir, fazer junto!

Perguntas para sua reflexão

(a ser realizada, de preferência, em grupo)

- 1) Quando você começou a compreender que a política faz parte de sua vida? Quem mais contribuiu para isso?
- 2) Que forças fazem tanta gente se desinteressar pela política? Por quais razões?
- 3) Você participa de campanhas eleitorais e depois acompanha o mandato d@s eleit@s?

ISSO É CONOSCO

Maria e José são personagens inventados. Mas não são de “ficção”, de outro planeta. Podem muito bem existir. Os diálogos que eles travam e opiniões que emitem aqui também têm a ver com a realidade.

Tudo nos remete a um fato: **a POLÍTICA está nas nossas vidas. Negá-la é aceitar, por omissão, por passividade, o modo como ela tem sido praticada. É renunciar a um aspecto importante da nossa existência.** E, assim, apequená-la.

Domingos de Oliveira (1936-2019) foi um grande escritor, diretor de teatro e cinema. Ele costumava dizer que *“política é importante, mas mais importante ainda é o amor”*. Só que a política pode e deve despertar interesse e gerar uma atitude motivados pelo nosso mais profundo... amor ao próximo. Que é também amor a si mesmo.

Quando na famosa Declaração Universal dos Direitos Humanos de 1948 vem escrito, no artigo 21, que *“todo homem (toda pessoa, dizemos hoje!) tem o direito de tomar parte no governo de seu país, diretamente ou por intermédio de representantes livremente escolhidos”* e que *“a vontade do povo será a base da autoridade do governo”*, isso é política.

Quando o papa Francisco diz, no documento *“Alegria do evangelho”*, que *“uma fé autêntica – que nunca é cômoda nem individualista – comporta sempre um profundo desejo de mudar o mundo, transmitir valores, deixar a terra um pouco melhor depois da nossa passagem por ela”*, isso é política.

Quando o babalawô Ivanir dos Santos explica que *“con-*

tra a discriminação, o racismo e a intolerância as religiões de matrizes africanas vêm se organizando ao longo dos últimos séculos”, isso é política. Ele continua: *“um grande exemplo são as estratégias construídas pelo religioso babá Tancredo da Silva Pinto, na década de 1950, que buscou garantir a liberdade de culto das religiões de matrizes africanas na cidade do Rio de Janeiro. Um exemplo mais contemporâneo é a Caminhada em Defesa da Liberdade Religiosa, organizada pela Comissão de Combate à Intolerância Religiosa (CCIR). A Caminhada atualmente é composta por religiosas e religiosos de diversas religiões, mas na sua origem foi pensada por candomblezeiros e umbandistas. Ela tem por objetivo promover a união, a equidade, o respeito e o diálogo entre as religiões, e isso é altamente político”,* conclui.

Quando mães e pais de santo, pastoras e pastores, freiras e padres, líderes budistas, judeus ou de qualquer religião falam de justiça, de igualdade, de paz, de direito à liberdade de crença, de respeito aos que não têm crença, isso é política.

Quando nos preocupamos com o futuro do planeta, isso é política.

Aliás, é bom mesmo nos preocuparmos. O historiador Yuval N. Harari, autor de um livro muito conhecido chamado Sapiens, uma breve história da humanidade (L&PA, p. 427, 2015), alerta:

“Há 70 mil anos, o homo sapiens ainda era um animal insignificante, cuidando da própria vida em algum canto

“ Muita gente pequena,
em lugares pequenos
fazendo coisas
pequenas, pode
mudar o mundo!

da África. Nos milênios seguintes, ele se transformou no senhor de todo o planeta e no terror do ecossistema. Hoje, está prestes a se tornar um deus, pronto para adquirir não só a juventude eterna como também as capacidades divinas de criação e destruição. Infelizmente, até agora o regime dos sapiens sobre a Terra produziu poucas coisas das quais podemos nos orgulhar. (...) Avançamos de canoas e galés a navios a vapor e naves espaciais – mas ninguém sabe para onde estamos indo”.

Mas também no miúdo, no dia a dia, qualquer ação junto as outras pessoas, voltada para o interesse geral, coletivo, é política.

Eduardo Galeano (1940-2015), escritor e jornalista uruguaio, falou sobre isso: *“Muita gente pequena, em lugares pequenos fazendo coisas pequenas, pode mudar o mundo!”*

Política é diferente de politicagem, de politicalha. Po-

lítica é feita por ideias e causas, propostas, projetos, compartilhamento de visão de mundo, de país, de cidade. É movida por interesses coletivos e espírito de solidariedade.

Já a politicagem se alimenta de interesses individuais, carreiristas, vontade de “se dar bem”. Ou por negociatas, malandragens, demagogia, esperteza. O grande problema é que hoje está difícil separar política de politicagem, o joio do trigo. Mas é preciso!

Perguntas para sua reflexão

(a ser realizada, de preferência, em grupo)

- 1) Você identifica, no seu meio, quem faz política e quem pratica politicagem? O que pode dar força à política e enfraquecer a politicagem?
- 2) É inegável que nunca foram produzidos tantos bens materiais e houve tanto avanço científico como no último século. Quais as conquistas mais significativas que permitiriam uma vida melhor no planeta?
- 3) Para muitos é negado o acesso a essas conquistas e a fome, a miséria, o abandono atingem grande parte da Humanidade. Qual o papel da política para superar essa situação?

CIDADANIA ATIVA

Vamos “filosofar” um pouquinho. Política tem a ver com o sentido que damos ao nosso ser e estar no mundo.

O escritor Antônio Prata, em crônica publicada no jornal Folha de São Paulo (23/7/17), fez uma espécie de “elogio da descrença”, bem provocadora: *“Veja, meu filho, a vida é uma improbabilidade absurda decorrente de fenômenos físicos e químicos controlados por nada ou ninguém. E a consciência, isso que chamamos de ‘eu’, nada mais é do que uma tempestade de descargas elétricas e liquidinhos entre neurônios; quando a gente morre desliga-se a chave geral, fecham-se as comportas, a consciência desaparece e o nosso corpo é comido por vermes e bactérias”*.

Pouco depois, outro escritor, frei Betto, em crônica publicada no jornal O Globo (14/9/17), foi em outra direção: *“Gosto do verbo esperarçar (...) É um esforço coletivo, uma ação comunitária, um mutirão que nos irmana na certeza de que de dentro da pedra corre o filete de água que forma o córrego, faz o riacho, vira rio e rasga a terra, rega campos, alimenta ribeirinhos até se somar ao leito do oceano”*.

Uma determinada compreensão do que somos pode nos levar ao desinteresse, ao mero proveito insaciável e egoísta do nosso tempo de vida, que passa rápido. A sociedade de consumo é extremamente materialista e estimula esse individualismo. Outra maneira de pensar e sentir a nós mesmos e ao mundo pode nos levar na direção do outro, da ideia de felicidade como luta para uma melhoria geral. Pode nos fazer combinar o direito à busca da



felicidade com a felicidade da busca, junto aos demais, nossos contemporâneos.

Cidadania, que vem de cidade, de coletivo, é acreditar que os seres humanos têm uma vocação (que quer dizer “chamado”) para o amor, para a solidariedade, e que podem construir uma organização social menos injusta, excludente e desigual.

Política, mais especificamente, é tudo o que se refere à produção de leis e às relações de poder na sociedade. Tem a ver com a organização da economia (capitalista, socialista, papel maior ou menor do Estado na regulamentação das relações econômicas) e com as formas de funcionamento do sistema político (república, monarquia, presidencialismo, parlamentarismo, representação direta, indireta, voto universal, distrital etc).

Política é implementação de medidas concretas que di-

zem respeito à vida em sociedade, em comunidade (esteja ela na parte administrativa chamada município, estado, nação ou no âmbito internacional – somos cada vez mais planetários). Política não se destina apenas a pequenos grupos, nem a indivíduos.

A democracia no Brasil ainda é muito fraquinha. E anda em crise, com vários partidos sem credibilidade. Democracia de “alta intensidade”, também chamada de “substantiva”, é a que vai além da representação dos partidos nos parlamentos e nos executivos. Ela valoriza a representação, mas também a “presença”, a participação popular direta, em conselhos e assembleias deliberativas.

Os conservadores e os partidos tradicionais não querem essa participação popular. **O povo, a maioria, é tratado como inquilino de um prédio que não pode participar das reuniões de condomínio, chamadas e controladas pelos síndicos.**

Essas restrições acontecem também em muitos planos da vida social: nas escolas, nas empresas, nos sindicatos, nos clubes, nas igrejas. Poucos se abrem a formas mais horizontais, democráticas, participativas. Mas a democracia participativa precisa avançar: *“nada sobre nós sem nós”*, diz o belo lema das pessoas com deficiência em luta por dignidade (aliás, todos, sem exceção, temos algum tipo de deficiência).

Perguntas para sua reflexão

(a ser realizada, de preferência, em grupo)

- 1) A maioria das pessoas que você conhece dá um sentido solidário à vida ou fica dominada pelo individualismo?
- 2) O que pode levar alguém a passar da vida fechada, voltada para os próprios interesses, a uma vida mais coletiva, empenhada no bem comum?
- 3) Você sabe de experiências que combinam a democracia representativa com a democracia direta?

O LUGAR DO PARTIDO

Partido é aquela parcela da sociedade que se reúne e organiza para, a partir de um programa, entender e transformar a realidade. Vai muito além, portanto, da disputa eleitoral periódica.

Partido tem que pensar a vida cotidiana: a qualidade dos serviços públicos, a educação e a saúde públicas, o trabalho digno para todas e todos, o cuidado com a natureza, a produção, distribuição e preço dos alimentos, o direito à moradia e ao saneamento básico, a não discriminação de ninguém por causa de cor da pele, do gênero, da orientação sexual.

Já houve tempo em que partido era como uma espécie de seita: lugar de salvação, único meio de trazer o paraíso a Terra. “*Guia genial dos povos*”, diziam uns. “*Vanguarda do proletariado*”, empolgavam-se outros.

Hoje, reconhecemos o partido político como um instrumento – não o único – da mudança social. Ele sempre precisará estar junto a outras organizações da sociedade para avançar nas transformações.

Partido político é organização formada para a disputa de espaços de poder no aparato do Estado, a fim de dar rumos à sociedade e regular a atuação dos agentes econômicos e sociais.

Por isso dizem que ele é um “sintetizador geral”, que precisa ter ideário, doutrina, programa, plataforma, projetos. Ideologia pra viver. Sindicatos e outros grupos podem e devem pensar no mais imediato, no interesse



temático ou corporativo. Partido tem que pensar grande.

Partido político que não tem uma dimensão utópica, isto é, da busca de uma sociedade nova, é o chamado “partido da ordem”, do status quo. É também chamado de fisiológico ou nanico (tem partido grande que é nanico na ética). Atua para manter o sistema, sem questioná-lo.

Partido ideológico, doutrinário, programático (e não dogmático), tem utopia, sonho coletivo. Utopia não é fantasia, visão mágica do mundo: é estímulo para prosseguir, descontentamento, não acomodação. É o que está na célebre frase de Eduardo Galeano, na obra ‘As palavras andantes’: *“Ela está sempre na linha do horizonte. Caminho dois passos, ela se afasta dois passos, e o horizonte corre dez passos adiante. Então para que serve a utopia? Serve para isto: para nos fazer caminhar”*.

Partido político sem utopia se corrompe.

Perguntas para sua reflexão

(a ser realizada, de preferência, em grupo)

- 1) Qual a importância do partido na sua vida, na ação política?
- 2) Quais são, na sua experiência de vida, os benefícios que a filiação a um partido político poderia lhe trazer ou lhe trazer?
- 3) O que, no mundo de hoje, um partido político pode fazer para ter uma linguagem e uma ação mais mobilizadora, contemporânea e comunicativa?

PARTIDO VIVO

Partido político vivo, como o Partido Socialismo e Liberdade (PSOL) busca ser, é muito mais do que uma legenda para disputar eleições! É um meio de encontrar irmãs e irmãos que andam de braços dados para que possamos fazer com nossas mãos um mundo melhor e uma vida digna para todas e todos.

Partido vivo não aparece só em tempo de campanha eleitoral, como quase todos. Nem é aquele que depende só de parlamentares ou governantes.

Partido vivo tem **núcleos** que se reúnem, que se comunicam bem (a internet facilita), que apoiam os movimentos populares (sem querer mandar neles), que estão presentes nas grandes lutas da nossa gente. Tem também **setoriais**, onde segmentos como mulheres, negras e negros, LGBTIs e os grupos de interesses – em torno da democratização da comunicação, da ecologia, de uma nova política de drogas, por exemplo – se encontram.

A cada dois ou três anos, o PSOL realiza congressos municipais, estaduais e nacional, onde decide - por meio de delegados eleitos em reuniões de base - seus passos diante da conjuntura, atualiza o programa e elege os dirigentes, que atuam como um colegiado (são os **diretórios** e as **executivas**).

Partido vivo tem projeto – nunca definitivo, em permanente atualização – para a cidade e para o país. Tem visão de mundo. No caso do PSOL, um projeto de sociedade democrática e socialista, que acabe com a desigualdade.



A humanidade é capaz de realizações e inventos incríveis, por isso há de criar modos e meios políticos de acabar com a fome (hoje, 1/5 da humanidade vai senti-la!), com o desperdício (hoje, 1/3 do que for produzido irá para o lixo ou ficará estocado), a exploração, a destruição ambiental e a guerra (há mais de 50 microguerras mortais no mundo hoje).

O PSOL quer dar sua contribuição para a construção de uma sociedade onde todos sejam socialmente iguais, humanamente diferentes e plenamente livres, como aspirava Rosa Luxemburgo (1871-1919).

Há quem diga: *“você são sonhadores, isso nunca será alcançado, esse idealismo passa com o tempo”*. Nós respondemos com o poeta Mário Quintana (1906-1994): *“Se as coisas são inatingíveis... ora! Não é motivo para não querê-las. Que tristes os caminhos, se não fora a mágica*

presença das estrelas”. O desafio é sempre sonhar alto sem jamais tirar os pés do chão.

Assim como toda pessoa deve ter a ética do amor ao próximo, partido político deve ter a ética do interesse público.

Perguntas para sua reflexão

(a ser realizada, de preferência, em grupo)

- 1) O partido político ainda é necessário no mundo de hoje?
- 2) O que um partido político deve fazer para ser um organismo vivo, que atraia as pessoas e contribua para melhorar a sociedade?
- 3) O que diferencia um “partido da ordem” de um “partido da transformação social”?

O DERRETIMENTO PARTIDÁRIO

O que se vê no Brasil de hoje?

Partidos sem ideologia e sem função social, que recolhem nas eleições a seiva que alimenta os negócios. **Partidos que são percebidos pela população como inúteis para a melhoria da vida cotidiana.** Desnecessários, portanto.

Partidos das velhas oligarquias, dos “coronéis” e “caciques” que mandam. Antes donos de gado e gente, com chicote, hoje com o controle dos diretórios e das redes virtuais, onde a mentira (as ‘fake news’) tem larga passagem.

Partidos que são um amontoado de interesses obscuros e personalistas, econômicos e patrimonialistas (de enriquecimento pessoal), escritórios de negociatas.

Partidos que, às vezes, sequer representam interesses e projetos de classes com nitidez. Uns defendem, com unhas, interesses e dentes, setores delas – as mais endinheiradas. Daí o peso das tais bancadas “temáticas” do BBBB - banco, bala, boi, bíblia (fundamentalista). E mais as das empreiteiras, das mineradoras etc.

Partidos que são legendas – sopa de letrinhas – inautênticas, enganosas marcas de fantasia: liberal é conservador, progressista é reacionário, socialista é capitalista, social democrata é elitista, cristão é raivoso, trabalhista é patronal...

Partidos que são carimbo para carreiras individuais, mandatos vendidos, verticais, viciados em manipulação, voltados para a própria reprodução, descompromissados com a ética pública.



Partidos que são máquinas indiferentes ao sofrimento real do povo. Partidos deseducadores, que não ajudam a população a se organizar para defender políticas que superem as misérias e dificuldades do dia a dia.

Partidos adesistas, que logo aplaudem o vencedor que antes criticavam: **o maior partido do país costuma ser sempre o PG, partido do governo – a não ser quando este se torna muito impopular.**

Partido com currais de votos, virtuais ou de fiéis. Votos comprados ou induzidos pela demagogia, por promessas vãs. Partidos que controlam territórios onde, sem perceber, talvez um dia venham a ser enterrados. Nem todos se deixam enganar o tempo todo.

Perguntas para sua reflexão

(a ser realizada, de preferência, em grupo)

- 1) Quais as razões para que, no Brasil, os partidos, com raras exceções, sejam agremiações de interesses menores, para comprar votos e reproduzir a desigualdade?
- 2) Os partidos sem doutrina e ideologia tendem a desaparecer?
- 3) O que é, para você, “velha política” e “nova política”?

MANDAMENTOS PARA A AUTORIDADE PÚBLICA

Nos tempos atuais, citar a Bíblia parece trazer credibilidade. Por consequência, grande eficiência em termos políticos e eleitorais.

O nosso Estado é laico, isto é, não defende nenhuma religião exclusiva, até para assegurar a liberdade de todas, e também do direito de não crença.

As autoridades públicas, do Executivo, do Legislativo e do Judiciário, poderiam fazer uma leitura menos “confessional” dos livros religiosos.

Todos, de qualquer denominação, trazem valores gerais, bons para a coletividade, que podem ser úteis para além do tempo em que foram escritos.

O Livro do Êxodo, do Antigo Testamento bíblico e da tradição judaico-cristã, por exemplo, revela um Deus que “faz sair seu povo da casa da escravidão”. No capítulo 20, Javé oferece a Moisés e sua gente saída da opressão do faraó uma regra de conduta, um conjunto de princípios que, praticados (e não só pregados), poderiam ser valiosos hoje. Eles orientam uma nova prática de vida, austera e solidária. São os famosos ‘Dez Mandamentos’.

No plano político contemporâneo, **esses mandamentos têm tudo a ver com os preceitos constitucionais da legalidade, impessoalidade, moralidade, publicidade e eficiência** (artigo 37 da nossa Constituição). Eles podem ser atualizados assim para toda e qualquer autoridade pública:

1. Amarás a promoção do bem comum, e não dos seus bens patrimoniais - ídolos da prosperidade particular -, com todo o teu coração e entendimento.

2. Não pronunciarás a expressão 'interesse público' em vão, confundindo-a com negócios privados.

3. Guardarás separação entre dedicado trabalho e salutar descanso, desfrutando deste sem nenhuma vantagem indevida derivada daquele.

4. Honrarás todos os antecessores que, na vida pública, praticaram a honestidade, o serviço e a defesa de causas de justiça para as maiorias esquecidas.

5. Não matarás a esperança do povo com práticas que degeneram o sentido maior da política, corrompendo-a pelo poder dissolvente do dinheiro e da hipocrisia.

6. Não cometerás atos de promiscuidade entre o público e o privado, mantendo relações de favorecimento com aqueles que



têm interesses em contratos do Estado.

7. Não roubarás os recursos públicos, em nenhuma das formas que a corrupção sistêmica criou: tráfico de influência, licitações fraudadas, isenções fiscais sem critério, doações com retorno em obras públicas superfaturadas.

8. Não darás falso testemunho nem obrigarás sua equipe a mentir para se autopromover, atacar inescrupulosamente adversários e esconder relações que não combinam com transparência e moralidade administrativa.

9. Não cobiçarás o que não te pertence, nem darás a teus cônjuges, parentes consanguíneos diretos ou amigos privilégios e oportunidades que não são oferecidas às pessoas comuns.

10. Zelarás com rigor máximo pelo patrimônio público que transitariamente gerencias ou sobre o qual tens mandato para definição de regras legais ou controle.

Perguntas para sua reflexão

(a ser realizada, de preferência, em grupo)

- 1) Quais desses “mandamentos” as autoridades públicas de seu município, estado e país, respectivamente, menos respeitam?
- 2) O discurso religioso, usado com frequência cada vez maior, tem transformado para melhor a prática dos seus pregadores?
- 3) Caso você participe de alguma comunidade religiosa, como são destacados ali os valores da solidariedade, da honestidade e da busca da igualdade?

O VOTO COMO ESCOLHA E ABRAÇO

Desde o fim da ditadura civil-militar iniciada com o golpe de 1964, a conquista de eleições municipais, estaduais e federal, para os Executivos e Legislativos, passou a ter grande importância na agenda do país.

As eleições, no Brasil, são bienais – acontecem a cada dois anos. O tempo das eleições não é o único tempo da política, embora a maioria pense e sinta assim.

Porém, apesar dos continuados abusos do poder econômico e da demagogia, é forçoso reconhecer que o tempo das eleições é um tempo em que o interesse pela política e pela administração dos serviços públicos cresce bastante.

Apesar da frequência (o que é positivo), o ato de votar – também em eleições sindicais de associações de moradores e estudantes, e até para síndico de condomínio – não deve ser banalizado. Ao contrário, deve nos mover e comover.

O dia da votação permite o encontro de amigas e amigos que não vemos há tempos. Sorrisos, abraços, assuntos em dia, lamentos por quem se foi, votos de saúde e paz, antes, durante ou depois do comparecimento à sessão eleitoral.

Mestre Carlos Nelson Coutinho (1943-2012) ensinou que as lutas pelo sufrágio (isto é, o voto) universal, na Europa do século XVIII e XIX, foram mais reprimidas que as ações da classe operária por reivindicações econômicas. Os donos do poder, desde aquela época, “*não queriam que quem pagasse aluguel participasse das reuniões do condomínio*”, figurou bem o saudoso amigo (e correligionário).

O voto é sempre um risco para quem tem o controle exclusivo do poder. Mesmo concebido para reproduzir uma determinada ordem social, dando-lhe legitimidade popular, ele, volta e meia, sai do figurino e incomoda. Por isso o ato de votar pode ser uma expressão de inconformismo e esperança.

Mesmo sabendo que nossos sonhos de uma sociedade igualitária e plural não cabem nas urnas, elas, as urnas, sempre podem, de alguma forma, exprimir indignação, questionamento, vontade de mudar. Um pouquinho da nossa utopia pode e tem que estar no que a gente teclar, sabendo que não adianta digitar e depois recolher-se à vida estritamente privada.

Por isso deve ser combatida essa continuada indução à despolitização, que leva tantos a sequer se interessar pelo que propõem e praticam partidos e candidatos. É preciso erradicar o vírus letal da apatia social!

O gesto de votar precisa estar no plano da grandeza humana. Para toda uma geração de *brasileir@s*, esse direito custou muita luta e, acreditem, muitas vidas!

Por valorizar essa conquista, soa indigna a degradação do voto, transformado em mercadoria na feira do toma-lá-dá-cá, e muitos, com seu desinteresse, fazendo o jogo dos que os exploram.

As campanhas milionárias e/ou mentirosas, à base de fake news, corroem a República, como cupim.

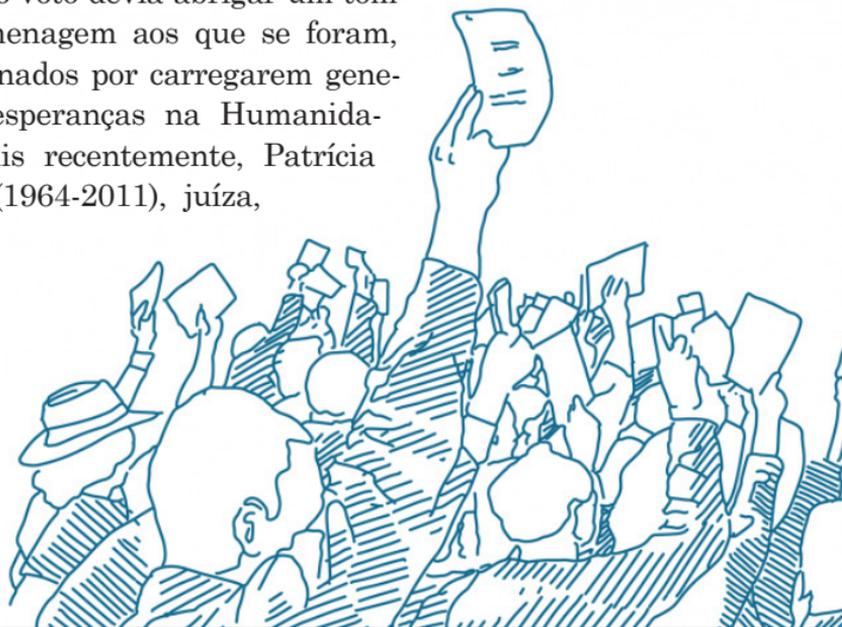
Embora o voto em si, na cabine, seja secreto, pessoal e intransferível, ninguém vota sozinho. Não me refiro aos

filhos que, pequenos, acompanham, curiosos, alguns pais, na mesa de votação.

Todos deviam se sentir, na hora do voto, na companhia invisível e protetora dos pais e avós, se aprenderam com eles que viver é fazer escolhas a partir de valores.

Na hora do voto devíamos nos sentir também junto a muitos outros amados (amigos e parentes) que já se foram – pedaços de cada um de nós. Amigos próximos e distantes, novos e antigos, que “partiram fora do combinado” - eternos. Que emolduram o terno gesto de votar com o pensamento no que vai além de nós e do jogo bruto, rasteiro e interesseiro da pequena política.

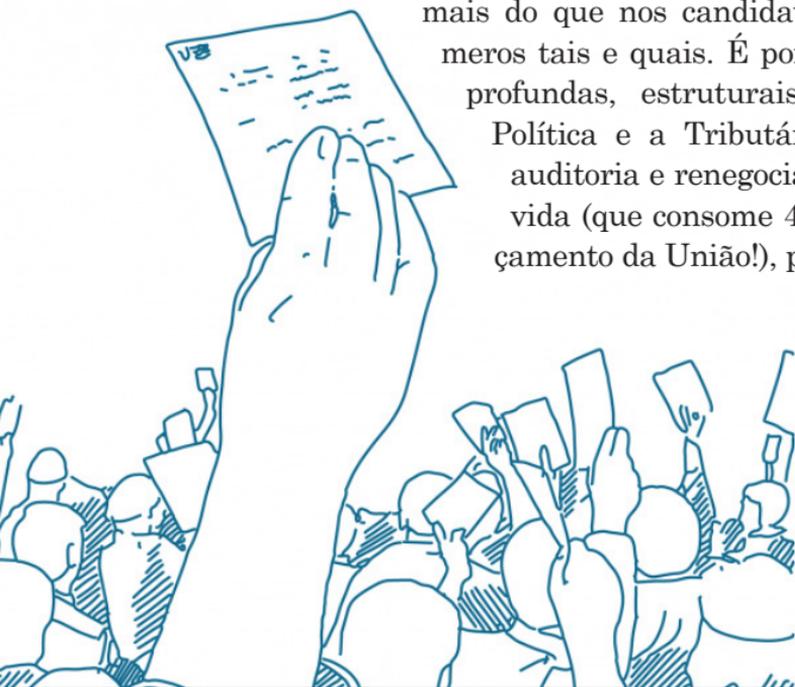
Todo voto devia abrigar um tom de homenagem aos que se foram, assassinados por carregarem generosas esperanças na Humanidade: mais recentemente, Patrícia Acioli (1964-2011), juíza,



Cícero Guedes (1960-2013), camponês, Marielle Franco (1979-2018), vereadora, e seu motorista, Anderson Gomes (1979-2018), Dilma Ferreira da Silva (1971-2019), líder do Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB), entre tantas e tantos outros.

O voto é um momento político concreto da escolha por uma sociedade ecologicamente equilibrada. É um voto em uma sociedade sem consumismo e desperdício, para que façamos do necessário o suficiente, e vivamos mais simplesmente, para que simplesmente todos possam viver.

O voto consciente, pleno, é muito mais do que nos candidatos de números tais e quais. É por reformas profundas, estruturais, como a Política e a Tributária. É por auditoria e renegociação da dívida (que consome 42% do Orçamento da União!), por cidades



sem segmentação, por terra para quem trabalha, contra toda discriminação, a favor dos direitos sociais não só proclamados, mas praticados.

É votar na luta para vencer a desigualdade e a violência, no nosso Brasil que a gente quer, na dimensão libertadora da política. Voto pleno é continuação das lutas cotidianas em que se está engajado. Voto não tem preço, tem consequências.

O PSOL é um partido ainda pequeno e necessário, pois tem vocação de grandeza. Busca realizar o historicamente difícil encontro entre socialismo e liberdade. Socialismo que necessita ser ressignificado, pois não há modelos, e liberdade que precisa ser permanentemente conquistada, ampliada e defendida.

O voto deve ser sempre o voto nos nossos iguais em utopias e pé no chão das realidades. **Cada um, mesmo não sendo candidato, devia sentir-se votando em si mesmo, nos desejos de um mundo melhor, sem ganância e egoísmo industrializado. Afinal, votar é delegar, mas não entregar a consciência. É escolher quem pode representá-lo, jamais substituí-lo.**

Trata-se de votar e continuar a lutar, independente do resultado, pois essa é uma caminhada coletiva e solidária, compromisso de vida, que não se esgota no dia do pleito. Sem aprisionamento com os donos do dinheiro que engorda mediocridades, sem o engodo demagógico da propaganda enganosa.

São muitos neste país os que querem abrir as janelas para a luz, apesar da força da escuridão.

Devemos ser, antes e depois do voto, devotos da cidadania participativa, da consciência política, da possibilidade de escolher. Benção, axé, tekokatu, shalom, salam aleikum, shanti, sauidi: trata-se de, na Política (com “p” maiúsculo), louvar – tem todas as línguas e culturas – o fato de estar sempre descobrindo tanta gente boa, artífice da justiça e da paz, querendo as mesmas coisas – e aprendendo com elas.

Perguntas para sua reflexão

(a ser realizada, de preferência, em grupo)

- 1) O direito de votar, duramente conquistado na sociedade brasileira, é valorizado em sua comunidade familiar, de vizinhança, de trabalho?
- 2) Por que um crescente número de pessoas desacredita do voto, preferindo não comparecer às sessões eleitorais, anulá-lo ou deixá-lo em branco?
- 3) O que fazer para o voto ser um instrumento de transformação social, se é que isso é possível?

CONTRANARCISO

A poesia tem uma linguagem que fala ao coração, e não só à razão. Ela, quase sempre, consegue resumir o que queremos dizer.

Política, em síntese, é nossa capacidade de sentir a dor e o desejo do outro. De sermos solidários, e não egoístas.

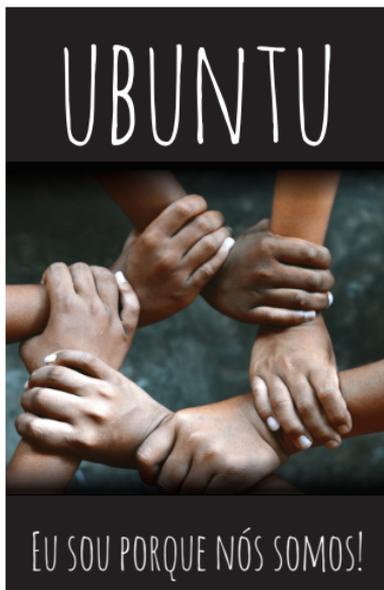
Paulo Leminski (1944-1989), de breve e fecunda

passagem entre nós, disse isso em “Contranarciso”:

Em mim
eu vejo o outro
e outro
e outro
enfim dezenas
trens passando
vagões cheios de gente
centenas.

O outro
que há em mim
é você
você
e você.
Assim como
eu estou em você
eu estou nele
em nós

E só quando
estamos em nós
estamos em paz
mesmo que estejamos a sós.



DÊ UM GOOGLE PARA SABER MAIS

Neste livreto você encontrou muitas citações e referências a pessoas que cumpriram e cumprem a missão de vida com grandeza, espalhando benefícios.

Como estímulo final, sugiro que você, junto a outras e outros, procure se informar sobre as pessoas aqui mencionadas, em especial as que já não estão entre nós, e deixaram um belo legado. Todas elas, em diversos pontos do mundo, cada uma à sua maneira, viveram a vocação política plenamente: vale a pena conhecê-las um pouquinho!

Procure saber mais quem são Lauro Campos, Marielle Franco, Ênio Silveira, Álvaro Vieira Pinto, Lima Barreto, Aristóteles, Bertolt Brecht, Domingos de Oliveira, Eduardo Galeano, Rosa Luxemburgo, Mário Quintana, Carlos Nelson Coutinho, Patrícia Acioli, Cícero Guedes, Anderson Gomes, Dilma Ferreira da Silva e Paulo Leminiski.

Quando você estiver desanimado(a), lembre-se daqueles conhecidos e anônimos que, em meio às adversidades, fizeram da existência um testemunho de amor ao próximo, de engajamento político com dignidade. Como essas e esses acima relacionados, como muitas outras e outros que justificam a Humanidade.

Pense grande, seja politizado, viva com integridade!

Rio de Janeiro, agosto de 2019



O livro foi produzido com
Adobe Indesign, composto com
Century Schoolbook, 10/12,9.



LAURO CAMPOS E
MARIELLE FRANCO